



διδασχὴ καινὴ κατ' ἐξουσίαν: análise redacional e traditiva de Marcos 1.21-28

διδασχὴ καινὴ κατ' ἐξουσίαν: redactional and tradition analysis of Mark 1:21-28

David Pessoa de Lira*

Resumo

O presente artigo trata de um estudo exegético do novo ensino de Jesus com base no Evangelho segundo Marcos 1.21-28. Empregar-se o Método Histórico-Comparativo para proceder heurísticamente neste artigo, seguindo os passos deste método: tradução do texto original e as análises textuais, redacionais, traditivas da fraseologia **διδασχὴ καινὴ κατ' ἐξουσίαν**. Em Mc, *διδασχὴ* não pode ser o ensino enquanto conteúdo pelo simples fato do redator nunca relatar sobre o conteúdo. Em Lc 4.36, *λόγος* é empregado como *διδασχὴ* no sentido *de palavra de ordem ou de mandamento, regra, ordem, norma*; e regulamentos militares ou disciplina militar. Isso também é confirmado por causa do uso dos verbos *ἐπιτάσσω* (ordenar) e *ὕπακούω* (obedecer), embora este último não incida em Lc 4.36. Pode-se pressupor que o redator de Mc tenha se apropriado da palavra *διδασχὴ* como ensino para justificar a atuação de Jesus como mestre autoritativo, mas a tradição diz respeito à autoridade de Jesus enquanto taumaturgo.

Palavras-chave

Evangelho de Marcos. Jesus como Mestre. *διδασχὴ*. Ensino. Novo Testamento.

Abstract

This article is an exegetical study of the new teaching of Jesus based on the Gospel according to Mark 1:21-28. The Historical-Comparative Method will be employed to proceed heuristically in this article, following the steps of this method: translation of the original text and textual, redactional, tradition analyses of the phraseology **διδασχὴ καινὴ κατ' ἐξουσίαν**. In Mk, *διδασχὴ* cannot be the teaching as content because of the simple fact that the redactor never reports about the content. In Lk 4:36, *λόγος* is used as *διδασχὴ* in the sense *of word of order or commandment, rule, order, norm*; and military regulations or military discipline. This is also confirmed by the use of the verbs *ἐπιτάσσω* (to order) and *ὕπακούω* (obey), although the latter does not occur in Lk 4:36; One can presuppose that the redactor of Mk might have appropriated the word *διδασχὴ* as teaching to justify the work of Jesus as

[Texto recebido em março de 2018 e aceito em julho de 2018, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Professor na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: lyrides@hotmail.com

authoritative master, but the tradition talks about the authority of Jesus as a thaumaturge.

Keywords

Gospel of Mark. Jesus as Master. διδαχή. Teaching. New Testament.

Introdução

Empregar-se-á o Método Histórico-Comparativo¹ para proceder heurísticamente neste artigo. Ao analisar o texto, procura-se não apenas estudá-lo como objeto literário, mas buscar entender os percursos traditivos e motivacionais que deram origem à configuração daquilo que está escrito. Os princípios de *critério*, *analogia* e *correlação* serão seguidos nas análises filológicas dos textos como do contexto histórico de onde se origina o texto.

No *Curso de Linguística Geral*, o filólogo Saussure, pai da linguística, sustenta que a Filologia representa uma das três fases pelas quais tem passado a ciência que se constitui em torno dos fatos linguísticos. Dentre as várias definições para o termo Filologia, pode-se dizer que Filologia compreende um conjunto de análises e estudos cujo objeto não é unicamente a língua, mas também a fixação, interpretação, e o comentário dos textos. Sendo assim, deve-se entender que ela se ocupa inclusive da história literária, dos costumes, das instituições etc. (*Análise das Tradições, ou seja, dos Motivos, Ideias e Conceitos; Análise de Conteúdo*). A Filologia se embasa metodologicamente na crítica. Ela emprega as questões linguísticas por meio da análise comparativa de textos de épocas diferentes, determinando a peculiaridade de cada autor, decifrando as características em línguas antigas (*Análise Histórico-Comparativa*). Sobressai uma fase em que a Filologia será dedicada inteiramente à Gramática Comparada. Ela possui duas finalidades básicas: estabelecer cientificamente o melhor texto (*o ramo da ecdótica*) e, **uma vez estabelecido, interpretar esse texto** (*segundo o método que nas ciências bíblicas se chama de histórico-crítico*).²

Lüdemann, professor de História do Cristianismo Primitivo na Universidade Georg-August, em Göttingen, e fundador e diretor do *Archiv Religionsgeschichtliche Schule*, escreveu um artigo que não só apresenta o contexto do século XIX, em que surge a *Religionsgeschichtliche Schule*, como também apresenta sua *Wissenschaft* e os princípios exegéticos dessa Escola.³ Segundo ele, essa Escola não designa uma “escola teológica no sentido de um grupo de seguidores e desenvolvedores dos pensamentos de uma única pessoa”. Ao contrário, a *Religionsgeschichtliche Schule* integra um grupo de jovens teólogos e filólogos, principalmente da Universidade de Göttingen, cujas numerosas obras estavam

¹ Sobre o Método Histórico-Comparativo e a Linguística, cf. PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística I: Objetos Teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014. v. 1. p. 12-13.

² SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 27.ed. São Paulo Cultrix, 2006. p. 7-8.

³ LÜDEMANN, Gerd. Relationship of Biblical Studies to the History of Religions School. *Toronto Journal of Theology*, year 24, n. 2, p. 171-181, 2008.

relacionadas a quatro (04) domínios ou aproximações norteadoras: *aproximação histórica*; *princípio comparativo*; *questão sociológica*; e *questão psicológica*. A adoção desses princípios se deve à influência de uma expansão do conhecimento de variadas fontes tanto na área da *Filologia* como nos *Estudos Orientais*, ocorrida no final do século XVIII.⁴ Não é por acaso que a *Religionsgeschichtliche Schule* era formada de teólogos e de filólogos. A ênfase de uma pesquisa histórico-religiosa ou sócio-religiosa só foi possível por causa das descobertas de textos e por causa das edições críticas que surgiam em grande número, como produtos dos estudos filológicos.⁵ É a partir daí que Ernst Troeltsch sintetiza os princípios ou pressupostos que delineiam o Método Histórico-Crítico: *critério*, *analogia* e *correlação*, baseados nos princípios de cotejamento de estudos filológicos.

Por esta razão, o procedimento de análise, aqui, é focado no Método Histórico-Comparativo, com base nos princípios norteadores do Método Filológico e Histórico-Crítico. Destarte, seu objeto de pesquisa é constituído por textos antigos, necessitando constantemente de ferramentas científicas apropriadas, como são, por exemplo, as ferramentas filológicas das quais esta pesquisa faz uso, desde a crítica textual até o emprego dos termos próprios da Filologia. No entanto, também é preciso considerar que a Linguística evoluiu muito nas últimas décadas, e trouxe conceitos e definições que também podem ajudar nesta pesquisa. O próprio Método Histórico-Crítico não é algo fechado em si mesmo de modo a ser um método homogêneo. Sendo um método que investiga criticamente a história, ele mesmo está sujeito à própria história e contexto.

O objeto de pesquisa é a perícopé de Mc 1.21-28,⁶ levando em consideração o problema de integridade, coerência e coesão textual no que diz respeito à fraseologia *διδασχὴ καινὴ κατ' ἐξουσίαν* (*ensino novo com autoridade*), que incide depois do exorcismo, quando os espectadores, atônitos, perguntaram: *Τί ἐστὶν τοῦτο; διδασχὴ καινὴ κατ' ἐξουσίαν* (*o que é isto? Ensino novo com autoridade*).

Do ponto de vista teórico, pode-se aventar que o relato de exorcismo ou de milagre de cura foi interpretado fora de seu contexto original. Outrossim, é possível que o redator de Mc tenha intencionado relacionar a autoridade do milagre à autoridade de ensino. Em todo caso, não se pode afirmar categoricamente que essa incoerência seja puramente literária antes mesmo de analisar as características redacionais. Isso advém do fato de que a incoerência pode ter se dado em uma fase pré-literária. Ademais, pode-se cogitar que a palavra *διδασχὴ* vem a ter acepção diferente, no versículo 27, causando certa

⁴ LÜDEMANN, 2008, p. 173-177; SHARPE, Eric J. The study of religion in historical perspective. In: HINNELLS, John R. (Ed.). *The Routledge Companion to the Study of Religion*. London; New York: Routledge Taylor and Francis Group, 2005. p. 30-31.

⁵ LÜDEMANN, 2008, p. 173; SCHNELLE, Udo. *Introdução à exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 123. Cf. TROELTSCH, Ernst. *Sobre o Método Histórico e Dogmático da Teologia*. Tradução provisória por Milton Schwantes. São Leopoldo: Faculdade de Teologia, 1984. p. 1-27.

⁶ No presente artigo, seguem-se as abreviaturas e siglas da BÍBLIA de Jerusalém. 5.ed. nov. rev. São Paulo: Paulus, 1996. p. 15-17.

incongruência. Sendo assim, a falta de coerência, em diversos níveis, pode ser resultado da recepção e acolhida de materiais heterogêneos mais antigos em um novo contexto.⁷ Agrupamento ou inserção, o texto parece falar de duas tradições:⁸ ensino e taumaturgia. Em outras partes do evangelho de Mc também ocorre este espanto diante do ensino e do milagre de Jesus (cf. Mc 6.1-3; 7.37; 10.26; 11.18).

A história da tradição busca saber sobre a evolução e o aspecto textual desde a modalidade escrita até sua fixação por escrito, inclusive suas formas pré-redacionais. Assim, o objetivo da história da tradição é elaborar um modelo genético do texto. *Para saber sobre a história da redação, deve-se, primeiramente, ter os dados da análise textual, redacional e também das formas.*⁹ *A priori*, deve-se levar em consideração que os elementos redacionais devem ser separados das tradições que foram incorporadas pelo redator de Mc, com a finalidade de retroceder à configuração que é subjacente ao atual texto de Mc 1.21-28, de maneira que se possa observar o estrato mais antigo da tradição e o possível estágio detectável. Assim, para separar a redação da tradição, faz-se necessário: 1) observar o uso linguístico do redator de Mc; 2) considerar seu estilo linguístico; 3) aferir temas teológicos próprios; 4) identificar a sua técnica de composição.¹⁰

Texto grego, Tradução e a Ficção Interna de Mc 1.21-28

21 Καὶ εἰσπορεύονται εἰς Καφαρναοῦμ. καὶ εὐθὺς τοῖς σάββασι [εἰσελθὼν] εἰς τὴν συναγωγὴν ἐδίδασκεν. 22 καὶ ἐξεπλήσσοντο ἐπὶ τῇ διδασχῇ αὐτοῦ, ἦν γὰρ διδάσκων αὐτοὺς ὡς ἐξουσίαν ἔχων καὶ οὐχ ὡς οἱ γραμματεῖς. 23 καὶ εὐθὺς ἦν ἐν τῇ συναγωγῇ αὐτῶν ἄνθρωπος ἐν πνεύματι ἀκαθάρτῳ, καὶ ἀνέκραξεν 24 λέγων, Τί ἡμῖν καὶ σοί, Ἰησοῦ Ναζαρηνέ; ἦλθες ἀπολέσαι ἡμᾶς; οἶδά σε τίς εἶ, ὁ ἅγιος τοῦ θεοῦ. 25 καὶ ἐπετίμησεν αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς λέγων, Φιμώθητι καὶ ἔξελθε ἐξ αὐτοῦ. 26 καὶ σπαράξαν αὐτὸν τὸ πνεῦμα τὸ ἀκάθαρτον καὶ φωνῆσαν φωνῇ μεγάλῃ ἐξῆλθεν ἐξ αὐτοῦ. 27 καὶ ἐθαμβώθησαν ἅπαντες, ὥστε συζητεῖν πρὸς ἑαυτοὺς λέγοντας, Τί ἐστὶν τοῦτο; διδασχὴ καινὴ κατ' ἐξουσίαν· καὶ τοῖς πνεύμασι τοῖς ἀκαθάρτοις ἐπιτάσσει, καὶ ὑπακούουσιν αὐτῷ. 28 καὶ ἐξῆλθεν ἡ ἀκοή αὐτοῦ εὐθὺς πανταχοῦ εἰς ὅλην τὴν περιχώρον τῆς Γαλιλαίας.¹¹

21 E entram em Cafarnaum; e imediatamente, no Sábado, tendo entrado na sinagoga, ensinava. 22. Admiravam-se com o ensino dele: pois estava lhes ensinando como tendo autoridade e não como os escribas. 23 E de repente

⁷ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 6.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009. p. 99-102; SCHNELLE, , 2004, p. 52.

⁸ Cf. parecer de SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JR., João Luiz. *Evangelho de Marcos: refazer a casa*. v. 1, Mc. 1-8. Comentário Bíblico NT. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 83. Bultmann, em relação a Mc 1.22, afirma que o material editorial não pode mais ser claramente distinguido do material traditivo. Por esta razão, aqui, denomina-se o ensino e a taumaturgia como duas tradições históricas. Cf. BULTMANN, Rudolf. *The History of the Synoptic Tradition*. New York: Harper & Row, Publishers, 1963. p. 341.

⁹ WEGNER, 2009, p. 230-234; SCHNELLE, , 200, p. 111-112.

¹⁰ WEGNER, 2009, p. 122-124; SCHNELLE, , 2004, 86-87, 132-139.

¹¹ NOVUM Testamentum Graece. 27.ed. Stuttgart: Stuttgart Deutsche Bibelgesellschaft, 1994. p. 90.

estava na sinagoga deles um homem com espírito impuro e gritou 24. dizendo: O que há entre nós e ti, Jesus nazareno? Vieste nos destruir? Conheço-te quem és, o Santo de Deus. 25. E lhe repreendeu Jesus dizendo: cala-te e sai dele. 26. E tendo atormentado-o o espírito impuro, e tendo gritado em alta voz saiu dele. 27. E ficaram abismados todos, a ponto de discutir consigo mesmos, dizendo: o que é isto? Ensino novo com autoridade; E aos espíritos impuros ordena e lhe obedecem. 28. E difundiu-se a fama dele, imediatamente, em todo lugar, em toda circunvizinhança da Galiléia (tradução própria).

A perícopes de Mc 1.21-28 apresenta as seguintes características em relação às perícopes anterior (Mc 1.16-20) e posterior (Mc 1.29-31): De acordo com o gênero, Mc 1.21-28 evidencia marcas de um milagre de cura ou exorcismo.¹² De acordo com a sua tipologia textual, gramaticalmente se percebe a predominância dos elementos da sequência linguística narrativa, marcada pela temporalidade (*τοῖς σάδοοσιν*) e cujo material é o fato ou a ação, que desenvolve progressivamente em um tempo e espaço (*εἰς Καφαρναούμ, εἰς τὴν συναγωγὴν*) Gramaticalmente predominam frases com verbos que indicam ação (*εἰσπορεύονται, εἰσελθών, ἐδίδασκεν, ἐξεπλήσσοντο, ἦν διδάσκων, ἀνέκραξεν, ἦλθες, ἀπολέσαι, ἐπετίμησεν, σπαράξαν, φωνῆσαν, ἐξῆλθεν, ἐθαμώθησαν, ἐξῆλθεν*), de preferência no pretérito ou que se refiram ao passado. Predomina a função referencial (denotativa)¹³ da linguagem. O emissor tenta transmitir ao interlocutor dados de uma realidade de forma direta e objetiva, empregando palavras com sentido denotativo.

O assunto é o ensino (didática) com autoridade. De acordo com seu argumento, o assunto buscou um caminho de interesse do redator, a saber, a narrativa do exorcismo como supramencionado. A partir do argumento, encontra-se o tema fundamental da palavra autoritativa de Jesus frente o espírito impuro.¹⁴ As personagens: eles¹⁵ (pressupõe

¹² HENDRIKSEN, William. *The Gospel of Mark*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1976. p. 63; HARGREAVES, John. *A Guide to St Mark's Gospel*, London: SPCK, 1977. p. 23; GNILKA, Joachim. *El Evangelio segun san Marcos*. 2 v. Salamanca: Sígueme, 1986. p. 89; SOARES; CORREIA JR., 2002, p. 82.

¹³ NICOLA, José de. *Gramática: palavra, frase, texto*. 2.ed. 3. Impressão. São Paulo: Scipione, 2010. p. 514-516, 47. WEGNER, 2012, p. 214 ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 382. Quanto ao lugar e tempo nesta perícopes, cf. DELORME, J. *Leitura do Evangelho de Marcos*. 4.ed. São Paulo: Paulus, 1982. p. 38-39; GNILKA, 1986, p. 89. A perícopes só faz referência aos discípulos no início, aludindo a estes como acompanhantes de Jesus. No decorrer da narrativa, eles desaparecem para emergir no versículo 29, na perícopes posterior (GNILKA, 1986, p. 90). No entanto, o adjetivo enfático *ἅπαντες* (todos, v.27) o qual tem função pronominal, ou seja, de pronome indefinido, não pode indicar com toda precisão se no meio dos espectadores estavam ou não os discípulos. O adjetivo *ἅπας* é a forma mais enfática de *πᾶς* (Cf. BETTS, Gavin. *Complete New Testament Greek*. 2.ed. London: Hodder and Stoughton; New York McGraw Hill, 2010. p. 96; FREIRE, Antônio, S.J. *Gramática Grega*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 39; PERFEITO, Abílio Alves. *Gramática de Grego*. 7.ed. Porto: Porto Editora, 1997. p. 47, 61). O homem com espírito impuro aparece em segundo plano, detrás do espírito imundo que o domina (GNILKA, 1986, p. 89). HENDRIKSEN, 1976, p. 63: Cf. RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 177-178, sobre o significado do verbo. Cf. A. FREIRE, 2001, p. 176 e BETTS, 2010, p. 65, sobre os complementos circunstanciais ou locuções adverbiais de tempo. Cf. FREIRE, 2001, p. 176 e BETTS, 2010, p. 65, sobre os complementos circunstanciais ou locuções adverbiais de tempo.

¹⁴ DEFINA, Gilberto. *Teoria e Prática de Análise Literária*. São Paulo: Pioneira, 1975. p. 75-80.

os discípulos junto com Jesus), Jesus, eles (espectadores na sinagoga), um homem com espírito impuro, todos (pressupõe espectadores: discípulos e os que estão presentes na sinagoga).

Textualidade de Mc 1.21-28

Pode-se afirmar que os versículos 21 a 28 são autônomos em relação às perícopes anterior e posterior segundo as características evidenciadas anteriormente. As indicações de unidade literária autônoma podem ser notadas também pela mudança espacial e temporal - *εἰσπορεύονται εἰς Καφαρναούμ* (entram em Cafarnaum), *τοῖς σάββασιν εἰσελθὼν εἰς τὴν συναγωγὴν* (no sábado tendo (ele) entrado na sinagoga) (v.21). Esta mudança de lugar e de tempo indica o início da perícopa. Da mesma forma, *ἐκ τῆς συναγωγῆς ἐξελθόντες ἦλθεν εἰς τὴν οἰκίαν...* (a saída da sinagoga e a entrada na casa, v.29) compõe o início da perícopa posterior, ou seja, o versículo 28 indica o final da perícopa (21-28): a divulgação da fama ou do que é ouvido sobre Jesus - *καὶ ἐξῆλθεν ἡ ἀκοή*. O início é caracterizado pelos verbos que indicam entrada, como *εἰσπορεύονται*, *εἰσελθόν*, enquanto que o término da perícopa é caracterizado pelo verbo que indica saída ou a difusão, como é o caso de *ἐξῆλθεν*.¹⁶

A perícopa de Mc 1.21-28 está estruturada¹⁷ em três partes diferenciáveis: A primeira parte (vv. 21-22) é uma introdução ou a parte inicial que transmite a prática pedagógica de Jesus, ou seja, o ensino de Jesus e sua autoridade. A segunda parte (vv. 23-26) constitui o relato de exorcismo propriamente dito. Os versículos anteriores (21-23) constituem apenas uma introdução ao que irá acontecer: a presença de um homem com espírito imundo (v.23a), a tentativa de resistência (v. 23b-24), a ameaça de Jesus (v.25a), a ordem de expulsão (v.25b), e a saída do espírito imundo (v.26). A terceira parte (27-28) enfatiza o efeito do ensino sobre as pessoas e/ou da taumaturgia sobre os espíritos. Em outras palavras, aparentemente, o versículo 27 se constitui como uma síntese do espanto mediante o ensino e a taumaturgia. Já o versículo 28 constitui o fechamento e a conclusão da perícopa propriamente dita.

No *Novum Testamentum Graece*, os versículos 21-22 e 23-28 incidem como duas unidades literárias autônomas.¹⁸ Em todo caso, não se explica como se dá a ligação dos versículos 23-26 com 27-28, os quais têm a ligação mais próxima com os versículos 21-22,

¹⁵ Oculto, mas é designado pela desinência número-pessoal do verbo: *εἰσπορεύονται* - entram - (eles) entram.

¹⁶ GNILKA, 1986, p. 89; HENDRIKSEN, 1976, p. 63; RUSCONI, 2003, p. 177-178. SCHNELLE, 2004, p. 49-50, 53.

¹⁷ Esta estrutura é seguida por HARGREAVES, 1977, p. 23, o qual divide este relato em três partes diferenciáveis: a) o ensino de Jesus (vv. 21-22); b) o exorcismo (23-26); c) o efeito de sua obra sobre outras pessoas (27-28). Cf. WEISER, Alfons. *O que é milagre na Bíblia*: para você entender os relatos dos Evangelhos. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 91; HENDRIKSEN, 1976, p. 63; GNILKA, 1986, p. 89; SOARES; CORREIA JR., 2002, p. 82.

¹⁸ No NOVUM, 1994, p. 90, há uma indicação de dois parágrafos no v.21 e no v.23, demonstrando dois blocos separados: 21-22 e 23-28 como duas perícopes.

principalmente o versículo 27. O que é mais admissível é que o texto como um todo é dividido em três partes diferenciáveis interligadas entre si por elos que formam uma coerência e uma coesão do texto. Assim, é pressuposto que os versículos 27-28, a despeito de formarem uma conclusão do relato de exorcismo no que diz respeito ao espanto diante do feito miraculoso de Jesus, constituam uma síntese entre o ensino e a taumaturgia. Deve-se considerar, em última análise, que os versículos 27-28 não só concluem o relato de milagre, mas também finalizam a introdução que enfatiza a atividade pedagógica de Jesus.

A ligação do versículo 22 e do versículo 27 parece evidente. Os dois versículos formam um paralelismo sinonímico: o ensino de Jesus é admirado pelos espectadores por causa da sua autoridade. A ligação entre os versículos 23-24 e 26 demonstra um contraste entre a resistência do espírito impuro e o seu fracasso. E por fim, no centro do esquema está a *palavra autoritativa de Jesus*. Analisando o texto, pode-se notar a harmonia das partes e a inserção da história de exorcismo (23-26) dentro de uma narrativa que fala de ensino (21-22 + 27-28). De forma superficial, pode-se afirmar que a intenção redacional de Mc é tentar unir o ensino à taumaturgia, de modo que haja um nexos entre estas partes diferenciáveis, sendo sintetizadas no versículo 27.

De fato, todo o texto apresenta *um tema* que serve como fio condutor, amarrando estas partes diferenciáveis, caracterizado por palavras como *ἐξουσία, διδασχὴ, διδάσκω, ἐκπλήσσομαι, θαμβέομαι*.¹⁹ A reiteração demonstra uma certa intencionalidade, com ênfase na *autoridade de Jesus* no seu ensino e/ou na prática taumaturgica. Destarte, o tema pressupõe a autoridade do ensino de Jesus, a qual se faz presente em sua prática miraculosa, tornando-se novidade.²⁰

Não obstante, sabe-se que há uma incidência redacional que reflete e retroprojeta a situação de então dos primeiros cristãos para a vida e ministério de Jesus. É bastante plausível que a igreja estivesse vivendo alguns conflitos com o judaísmo no período de sua redação. No entanto, não se pode desconsiderar o fato de que Jesus ensinava e isso é testemunhado por vários textos dos Evangelhos, o que não supõe ser uma mera obra redacional de Mc, mas um dado histórico.²¹ Assim, Mc enfatiza a característica de Jesus como professor e mestre, e, simultaneamente, aproveita uma tradição, como por exemplo, de um exorcista ou curandeiro, e retocando; retocando dá para usar, mas aí deixa o “e” anterior fora esta com o ensino.²² No texto de Mc 1.21-28, os espectadores se espantam

¹⁹ SOARES; CORREIA JR., 2002, p. 84: o vocabulário do ensinamento aparece quatro vezes em Mc 1.21-28.

²⁰ DELORME, 1982, p. 42: “Ou podemos também estudar a autoridade de Jesus em seu ensinamento e perguntar-nos em que sentido ele é um ensinamento novo. Seria por causa de seu conteúdo? Marcos não o diz; mas insiste no poder da palavra”.

²¹ Reforçando a afirmação de BULTMANN, 1963, p. 341, em relação a Mc 1.22, ele fala que o material editorial não pode mais ser claramente distinguido do material traditivo.

²² GNILKA, 1986, p. 90, afirma que a preocupação de Mc é apresentar o ensino ou a doutrina de Jesus. Em outras palavras, apresentar Jesus como um Mestre. MARTIN, Ralph. *Mark: Evangelist and Theologian*.

com a *διδασχὴ* de Jesus, mas o que incide é um exorcismo. Tudo indica que há dois estratos neste texto: um de origem pré-marcana e outro que faz parte da obra redacional de Mc. Na apresentação das partes, é possível notar os aspectos da redação em torno do exorcismo.

Partindo do critério de coesão e coerência das partes de Mc 1.21-28, o texto diverge com elementos estranhos que incidem, como “na sinagoga *deles*”, sem mencionar quem eram eles (o que pressupõe os escribas). Ademais, o advérbio “imediatamente” (logo) e a locução adverbial de lugar “na sinagoga” se expressam como uma ligação dos versículos 21-22 ao 23. Pode-se notar ainda que, no texto, incide alternância na conjugação verbal no que se refere ao número-pessoal, como por exemplo, no v.21 se lê “entram” (referindo aos discípulos e Jesus), mas, no mesmo versículo, relata-se que só Jesus entra na sinagoga: *entrando* (ele) na sinagoga *ensinava*. Um outro dado interessante é que o espírito impuro, embora seja um (no singular), pergunta a Jesus como se fosse um grupo de vários espíritos. Em todo caso, no Novo Testamento (NT), morfologicamente, *τὸ πνεῦμα τὸ ἀκάθαρτον* se apresenta no singular e é traduzido como tal. Sendo assim, isto depende do contexto, ou seja, o contexto pode exigir que haja uma indicação de uma generalização, e, neste caso, o número vem a ser plural, mesmo que morfologicamente esteja no singular e vice-versa (cf. Mc).²³ Em todo caso, percebe-se que não se trata de uma incoerência ou que o texto não possui integridade e coesão.

Na perícopé de Mc 1.21-28,²⁴ levando em consideração o problema de integridade, coerência e coesão textual, a fraseologia *διδασχὴ καινὴ κατ' ἐξουσίαν* (*ensino novo com autoridade*), que incide depois do exorcismo, quando os espectadores perguntam o que seria aquilo, não parece se encaixar com relato de exorcismo. Seria como uma peça solta no texto, em que existe algo a ser melhor explicado do ponto de vista da acepção da palavra, da recepção da tradição ou modificação na redação.

Elementos Redacionais em Mc 1.21-28

Se, por um lado, há quem defenda que os versículos 21-22, 27 constituem uma obra redacional de Mc, e que provavelmente o versículo 24 também o seja, por outro lado, há quem destaque como obra redacional de Mc os versículos 21-22, 27-28, e possivelmente o versículo 24.²⁵ Não obstante, há uma terceira posição que defende que apenas a primeira frase é obra do redator de Mc. Em todo caso, a indicação de lugar é certamente de uma tradição pré-marcana e pertence aos versículos 29 em diante. A referência a Cafarnaum

Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1976. p. 111; BLACK, C. Clifton. *The Disciples according to Mark*. Sheffield: JSOT Press, 1989. p. 74, citando ROBERT MEYE.

²³ Não se deve pressupor que se trata da regra gramatical grega em que em que se reza que se o sujeito neutro estiver no plural, o verbo deve concordar no plural. Esta mesma regra nem sempre se aplica no grego do NT com rigor. Cf. Jo 10.3 e 10.27. BETTS, 2010, p. 11.

²⁴ No presente artigo, seguem-se as abreviaturas e siglas da BÍBLIA de Jerusalém. 5.ed. nov. rev. São Paulo: Paulus, 1996. p. 15-17.

²⁵ SOARES; CORREIA JR., 2002, p. 82; BULTMANN, 1963, p. 209.

objetiva determinar a casa de Pedro, não necessariamente a sinagoga. Isso advém do fato de que o redator de Mc deve ter unido o exorcismo à cura na casa de Simão, recorrendo ao versículo 21a. Ao que tudo indica, o começo do relato seria o v. 21b, e o v. 22 é puramente redacional, e o v. 27 seria difícil de definir se é ou não redacional.²⁶

Analisando as palavras do texto, constata-se que é característico do estilo literário e redacional de Mc: 1) O emprego da conjunção aditiva e copulativa *καί*, em parataxe, tanto pela influência hebraica da conjunção *ו* como também pela forma mais simples e rude do grego. 2) O uso do presente histórico também constitui característica redacional de Mc, por exemplo, *εἰσπορεύονται* (Mc 1.21). 3) uma outra característica redacional de Mc é o uso recorrente do advérbio *εὐθύς* (Mc 1.21,23). Este advérbio incide constantemente no Evangelho de Mc, inclusive, mais do que nos outros sinópticos. O advérbio *εὐθύς* é uma das palavras que mais caracteriza o estilo redacional de Mc. 4) O uso exagerado do particípio também é outro perfil característico deste Evangelho: *εἰσελθὼν, διδάσκων, ἔχων, λέγων, σπαράξαν, φωνῆσαν, λέγοντας* (Mc 1.21,24-27). 5) O emprego do imperfeito perifrástico deve ser considerado como redacional: *ἦν διδάσκων* (Mc 1.22). 6) O emprego do pleonasma é parte do perfil redacional de Mc: *πανταχοῦ εἰς ὅλην τὴν περιχώρον τῆς Γαλιλαίας* (Mc 1.28). Por fim, 7) o uso da preposição *ἐν em* ou *com* (que corresponde à preposição hebraica: *בְּ*)²⁷ nos variados tipos de locuções, as quais, no grego ático, não se davam de forma aleatória como no Novo Testamento. Um exemplo está na frase *ἄνθρωπος ἐν πνεύματι ἀκαθάρτῳ* (Mc 1.23).

Quanto ao vocabulário, é bem verdade que o emprego de *διδασχὴ, διδάσκω*,²⁸ *ἐξουσία, ἐκπλήσσομαι, θαμβέομαι* é característica do estilo marcano (cf. Mc 11.18, 28). O espanto ou a admiração diante do ensino ou de um feito milagroso de Jesus é próprio de Mc (Mc 1.21-22,27; 6.1-3; 7.37; 10.26; 11.18). São características redacionais de Mc a ênfase no ensino de Jesus (Mc 1.21-22,27; 2.13; 6.6; 8.31; 10.1; 11.17; 12.35; 14.49.) e a oposição aos escribas (Mc 1.22-23, 39; 2.6, 16; 3.22; 7.1, 5; 8.31; 9.11, 14). Ademais, a palavra *γραμματεὺς*²⁹ consta vinte

²⁶ GNILKA, 1986, p. 90

²⁷ TAYLOR, Vicent. *The Gospel according to St. Mark*. 2.ed. New York and London: St. Martin's Press and Macmillan & Co., 1972. p. 44-58, 173; GNILKA, 1986, p. 90, nota 30; SCHNELLE, , 2004, p. 86-87; WEGNER, 2009, p. 147; FREIRE, 2001, p. 217, 240; BETTS, 2010, p. 198; BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert; FUNK, Robert Walter. *A Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2009. p. 106, 110, 118, 143; JAY, Eric G. *New Testament Greek: An Introductory Grammar*. London: SPCK, 1994. p. 250. LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*. 4.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 144.

²⁸ Em Mc Jesus é chamado de *διδάσκαλος* pelo menos 10 vezes (4.38; 9.17, 38; 10.17, 20, 35; 12.14, 19, 32; 13.1); em Mt, pelo menos 6 (8.19; 12.38; 19.16; 22.16, 24, 36); em Lc, pelo menos 10 vezes (7.40; 8.24; 9.38, 49; 10.25; 18.18; 20.21, 28, 39; 21.7). A palavra hebraica ou aramaica *רַבִּי*, ou sua transliteração grega *ράββι* - rabi ocorre três vezes em Mc.

²⁹ *Οἱ γραμματεῖς* (em hebraico *סֹפְרֵי*): *γραμματεὺς*, no grego clássico, significa secretário ou escritor; na LXX, significa funcionário público ou escrivão (Êx 5.6), um oficial militar de baixo escalão que tem a função de escrever (Dt 20.5). Nos evangelhos, *γραμματεὺς* é um escriba, um mestre, professor ou doutor da Lei. Lc também denomina *οἱ γραμματεῖς* de *νομικοὶ* (peritos da lei, doutores da lei, juristas, Lc 7.30) e

bíblicas.³⁵ Elas são geralmente usadas em contextos de ordem, ensino, regulamentações e disciplina militares, alerta, instrução, dominação, imposição, entre outros. Assim, pode-se traduzir como *em alta voz, veementemente, intensivamente, estrondosamente, fortemente, categoricamente, e de forma injuntiva*. A ideia que subjaz é de prevalência, imposição e autoridade. Não é por acaso que o verbo לָמַד, no hebraico, significa *tornar-se grande, engrandecer-se, jactar-se, mostrar-se grande, ser importante*, mas também significa *educar, ensinar ou criar (filhos)*.³⁶

Deve-se atentar ao emprego perifrástico com a preposição κατὰ (regendo acusativo), a qual precede um substantivo abstrato, como por exemplo, em κατ' ἐξουσίαν. Esse emprego não é usual em Mc. Essa locução tem uma função adverbial. Em todo caso, não se trata de uma construção semítica. Esse tipo de locução adverbial foi empregado do grego jônico ao grego koinē. Nota-se, por exemplo, καθ' ἡσυχίην (ἡσυχῶς) – *calmamente*; κατὰ τάχος (ταχέως) – *rapidamente*. Isso poderia ser empregado com uma infinidade de palavras abstratas: κατὰ φύσιν (*naturalmente*), κατὰ μέρος (*parcialmente*), κατὰ τὴν τέχνην (*tecnicamente*), καθ' ἡδονήν (*prazerosamente*).³⁷

Esse tipo de locução adverbial com κατὰ também ocorre no NT (cf. Rm 4.16 e Fl 2.3, concernente ao emprego desta preposição para formação da locução adverbial). Entretanto, trata-se de um uso raro no NT e é quase imperceptível e, quando ocorre, geralmente se traduz por *segundo isso ou aquilo*, por exemplo, κατὰ χάριν por *segundo a graça*, mas, de fato, dever-se-ia traduzir por *gratuitamente*. Esse advérbio perifrástico se encontra na LXX, como em 4 Mc 5.18: κατὰ ἀλήθειαν (*verdadeiramente*). É bastante plausível que essa locução não seja obra redacional de Mc, porque, neste caso específico, ele recorreria ao advérbio de modo com participio, como ὡς ἐξουσίαν ἔχων ou ὡς ἐξουσίαν ἔχουσα. Destarte, κατ' ἐξουσίαν, que significa *autoritativamente*, não faz parte do estilo do redator de Mc.³⁸

Seguindo esse mesmo raciocínio, é bastante plausível que τὸ πνεῦμα τὸ ἀκάθαρτον (espírito impuro πνεῦμα ἁκαθάρτου) seja de uma tradição mais antiga e é bastante provável que o sintagma ἄνθρωπος ἐν πνεύματι ἀκαθάρτῳ seja sintaticamente semítico com o uso da

³⁵ Cf. LXX, TM e NT: Gn 39.14; Dt 27.14; 1 Sm 4.5; 7.10; 28.12; 2 Sm 15.23; 19.5; 1 Rs 8.55; 18.27-28; 2 Rs 18.28; 2 Cr 15.14; 20.19; 32.18; 1 Es 5.59, 61; 9.10; 2 Esd (Esd 3.12-13; Ne 9.4); Est 1.1; 4.1; Jt 7.23, 29; 9.1; 13.14; 14.9, 16; 1 Mc 2.19, 27; 3. 54; 13.8, 45; 3 Mc 5.51; Pr 2.3; 26.25; 27.14; Jó 2.12; 38.7, 34; 40.9; Is 36.13; 52.8; Ez 9.1; 11.13; Sus 1.24, 42, 46, 60 (= Dn 13); Dn 5.7; 6.21-22; Bel 1.18, 41; Mt 27.46, 50; Mc 1.26; 5.7; 15.34; Lc 4.33; 8.28; 19.37; 23.46; Jo 11.43; At 7.57, 60; 8.7; 14.10; 16.28; 26.24; Ap 5.2, 12; 6.10; 7.2, 10; 8.13; 10.3; 14.7, 9, 15, 18; 19.17. BIBLIA, 1997, *passim*; SEPTUAGINTA. 1979, *passim*; NOVUM, 1994, *passim*.

³⁶ KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 23.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1988. p. 38, 212; LAMBDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 371, 380; LUST, J.; EYNIKEL, E.; HAUSPIE. *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*. With the collaboration of G. Chamaberlain. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1992. p. 294, 511; CONYBEARE, F. C.; STOCK, St. George William Joseph. *Grammar of Septuagint Greek: with selected readings, vocabularies, and updated indexes*. Grand Rapids: BakerBooks, 2010. p. 181.

³⁷ LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 883.

³⁸ LUST; EYNIKEL; HAUSPIE, 1992, p. 230; SEPTUAGINTA. 1979, v. 1, p. 1164; NOVUM, 1994, p. 416, 517.

preposição *ἐν* em ou *com* (que corresponde à preposição hebraica: *בְּ*). Ademais, nesse caso, é possível que o redator de Mc preferisse usar, assim como em Lc, a expressão *ἄνθρωπος ἔχων τὸ πνεῦμα τὸ ἀκάθαρτον*, justamente porque é costume do redator marcano usar *ἔχω* para indicar a posse demoníaca (Mc 3.22, 30).³⁹

Considerações Finais

Confrontando Mc 1.21-28 com Lc 4.31-37, percebe-se que não há este tipo de contraposição entre Jesus e os escribas em Lc, mas enfatiza a autoridade no seu ensino (*λόγος*). Comparando com Lc 4.31-37, pode-se averiguar que Lc 4.36, paralelo a Mc 1.27, cita a palavra *λόγος* em vez de *διδασχὴ*: “*Τίς ὁ λόγος οὗτος ὅτι ἐν ἐξουσίᾳ καὶ δυνάμει ἐπιτάσσει τοῖς ἀκαθάρτοις πνεύμασιν καὶ ἐξέρχονται* (que palavra é essa que com, com autoridade e poder, ordena com aos espírito impuros e eles saem) (tradução própria)”.⁴⁰ É perceptível que Lc ampliou e harmonizou estilisticamente e possibilitou uma leitura menos complexa de *τί ἐστιν τοῦτο; διδασχὴ καινὴ κατ' ἐξουσίαν· καὶ τοῖς πνεύμασι τοῖς ἀκαθάρτοις ἐπιτάσσει, καὶ ὑπακούουσιν αὐτῷ*. A locução adverbial de modo *κατ' ἐξουσίαν* se transformou em uma locução adverbial instrumental *ἐν ἐξουσίᾳ καὶ δυνάμει* com o emprego da preposição *ἐν*. Ademais, pode-se notar que Lc emprega o termo *λόγος* em vez de *διδασχὴ*. De fato, *λόγος* tem variadas acepções e significações. Deve-se aventar quais dessas acepções traduzem a palavra *διδασχὴ* ou se o redator de Lc empregou outro sentido para a palavra *διδασχὴ*.

O vocábulo *διδασχὴ* significa ensino, ensinamento, instrução e doutrina. Isso pode ser compreendido como aquilo que uma pessoa possui, isto é, a didática ou técnica (Mt 7.28-29; Mc 1.22, 27); como algo que uma pessoa ensina, ou seja, o conteúdo (Mt 16.12); e também como o próprio ato de ensinar (Mc 4.2). Ademais, *διδασχὴ* pode ter a mesma acepção de *διδασκαλία*, que significa instrução, ensino; instrução (como atividade de ensino; como ato de ensinar – Rm 12.7); ensinamento, doutrina (como algo que é ensinado – Mt 15.9); treino, elucidação, instrução oficial, informação. No entanto, em Mc, *διδασκαλία* só ocorre uma única vez em Mc (7.7). Não obstante tudo isso, no Evangelho de Marcos, nada se menciona sobre o conteúdo do ensino de Jesus.

Podemos notar que Mc não explicita diretamente o que Jesus ensinava, ou seja, não se percebe de imediato qual é o conteúdo⁴¹ do ensino de Jesus em Mc. Essa suposta renúncia a uma apresentação mais clara e detalhada do conteúdo do ensino de Jesus tem sido considerada como uma lacuna para se analisar este Evangelho em comparação a outros Evangelhos Sinópticos, principalmente, de Mateus. Em todo caso, o conteúdo do ensino de Jesus é pressuposto pelo contexto.⁴² Assim, seria óbvio pressupor que Jesus

³⁹ BLASS; DEBRUNNER; FUNK, 2009, p. 106, 110, 118, 143; NOVUM, 1994, p. 97-98.

⁴⁰ NOVUM, 1994, p. 416, 517.

⁴¹ SCHWEIZER, 1970, p. 50; GNILKA, 1986, p. 91-92; WALTERS, 1980, p. 105; SOARES; CORREIA JR., 2002, p. 84-85.

⁴² GNILKA, 1986, p. 91.

estivesse na sinagoga ensinando sobre a Lei (*νόμος*), como se pode encontrar no sentido do *διδάσκω*, na LXX, *ensinar ou instruir como viver de acordo com a Lei* (Dt 4.1,10, 14; 5.31; 6.1), mas uma das características do redator de Mc é não mencionar essa palavra.⁴³ Todavia, em Mc, *διδασχὴ* não pode ser o ensino enquanto conteúdo. O termo *λόγος* tem justamente o sentido de ensinamento ou doutrina (o conteúdo, o que é ensinado), mas, em Lc 4.36, *λόγος* é empregado como *διδασχὴ* no sentido de *palavra de ordem ou de mandamento, regra, ordem, norma*; e regulamentos militares ou disciplina militar. Isso também é confirmado por causa do uso dos verbos *ἐπιτάσσω* (ordenar) e *ὕπακούω* (obedecer), embora este último não incida em Lc 4.36 porque é subentendido na relação de *λόγος* (mandamento, ordem), *ὕπακούω* (obedecer) e *ἐξέρχομαι* (sair).

Isso indica que Lc tenta concluir o exorcismo com um espanto diante desta “palavra” autoritativa de Jesus, o que pressupõe que o texto do exorcismo deveria ter justamente este final na unidade autônoma, finalizando totalmente no versículo 37. Mc leva a uma síntese destas duas unidades, tentando unir o ensino e a taumaturgia como parte da prática de Jesus, que estão intimamente ligadas.

Quanto a Mc 1.24, há um diálogo *sui generis* entre Jesus e o endemoninhado. De todos os relatos de milagre-exorcismo em todo o Evangelho, só dois apresentam este tipo de diálogo, a saber, o relato do exorcismo do endemoninhado de Cafarnaum (Mc 1.21-28; Lc 4.31-37) e do gadareno (Mc 5.1-20; Mt 8.28-34; Lc 8.26-39). No entanto, não se pode negar que o redator de Mc faça alusão a este tipo de diálogo entre Jesus e o endemoninhado em algumas passagens do Evangelho (Mc 1.34; Mc 3.11-12). Caso se considere que a *epifania secreta* ou o segredo messiânico seja uma característica do próprio estilo redacional de Mc, logo, o diálogo de Mc 1.24 seria uma obra redacional de Marcos, com o objetivo de chamar a atenção para a pessoa de Jesus.⁴⁴ Assim, pode-se inferir que a ênfase em Jesus como professor, assim como na oposição aos escribas e na autoridade de Jesus em relação aos escribas, sem deixar de levar em consideração o espanto pelo ensino e pela taumaturgia, são características do redator de Mc.

Referências

BETTS, Gavin. *Complete New Testament Greek*. 2.ed. London: Hodder and Stoughton; New York McGraw Hill, 2010.

⁴³ MATERA, Frank. *Ética do Novo Testamento: os legados de Jesus e de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1999. p. 36-43.

⁴⁴ Cf. TAYLOR, 1972, p. 174-175; WEISER, 1978, p. 92. Nem todos concordam que o segredo messiânico seja obra redacional de Marcos. CULLMAN, 2003, p. 26: “A menção desse **segredo messiânico** de Jesus, característica do segundo evangelho, não é necessariamente uma invenção do evangelista, como se afirmou (Wrede), mas pode perfeitamente provir de uma lembrança exata da Tradição oral, lembrança à qual Marcos deu uma importância particular”. Quanto a este problema do segredo messiânico, há várias hipóteses sobre as quais não entraremos em detalhes. Cf. KÜMMEL, 1982, p. 105-109; LOHSE, 1985, p. 140-141.

BÍBLIA de Jerusalém. 5.ed. nov. rev. São Paulo: Paulus, 1996.

BIBLIA Hebraica Stuttgartensia. Ediderunt K. Elliger et W. Rudolph. 5.ed. Editio Funditus Renovata. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BÍBLIA. Vademecum para o Estudo da Bíblia. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

BLACK, C. Clifton. *The Disciples according to Mark*. Sheffield: JSOT Press, 1989.

BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert; FUNK, Robert Walter. *A Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2009.

BULTMANN, Rudolf. *The History of the Synoptic Tradition*. New York: Harper & Row, Publishers, 1963.

CONYBEARE, F. C.; STOCK, St. George William Joseph. *Grammar of Septuagint Greek: with gselected readings, vocabularies, and updated indexes*. Grand Rapids: BakerBooks, 2010.

CRANFIELD, C. E. B. *The Gospel according to Saint Mark: An Introduction and Commentary by C. E. B. Cranfield*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CULLMAN, Oscar. *Formação do Novo Testamento*. 8.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

DELORME, J. *Leitura do Evangelho de Marcos*. 4.ed. São Paulo: Paulus, 1982.

DEFINA, Gilberto. *Teoria e Prática de Análise Literária*. São Paulo: Pioneira, 1975.

ECHEGARAY, Hugo. *A Prática de Jesus*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FREIRE, Antônio, S.J. *Gramática Grega*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GNILKA, Joachim. *El evangelio segun san Marcos*. 2 v. Salamanca: Sígueme, 1986.

HARGREAVES, John. *A Guide to St Mark's Gospel*. London: SPCK, 1977.

HENDRIKSEN, William. *The Gospel o Mark*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1976.

JAY, Eric G. *New Testament Greek: An Introductory Grammar*. London: SPCK, 1994.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1977.

KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. 23.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1988.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1982.

LAMBIDIN, Thomas O. *Gramática do Hebraico Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003.

LOHSE, Eduard. *Introdução ao Novo Testamento*. 4.ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

LUST, J.; EYNIKEL, E.; HAUSPIE. *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*. With the collaboration of G. Chamaberlain. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1992. 2 pt.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTIN, Ralph. *Mark: Evangelist and Theologian*. Grand Rapids: Zondervan, 1976.

MATERA, Frank. *Ética do Novo Testamento: os legados de Jesus e de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1999.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27.ed. Stuttgart: Stuttgart Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

NICOLA, José de. *Gramática: palavra, frase, texto*. 2. ed. 3. Impressão. São Paulo: Scipione, 2010.

PERFEITO, Abílio Alves. *Gramática de Grego*. 7.ed. Porto: Porto Editora, 1997.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística I: Objetos Teóricos*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2014. v. 1. p. 11-24.

RICHARDSON, Alan. *The Miracle Stories of the Gospels*. London: SCM Press Ltd, 1963.

ROBBINS, Vernon K. *Jesus the teacher: a socio-rhetorical interpretation of Mark*. Philadelphia: Fortress, 1984.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHNELLE, Udo. *Introdução à exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2004.

SCHWEIZER, Eduard. *The Good News According to Mark*. London: SPCK, 1970.

SEPTUAGINTA. *Id Est Vetus Testamentum Graece Iuxta LXX Interpretes edidit Alfred Ralfs*. 6. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979---. Duo volumina in uno.

SHARPE, Eric J. The study of religion in historical perspective. In: HINNELLS, John R. (Ed.). *The Routledge Companion to the Study of Religion*. London; New York: Routledge Taylor and Francis Group, 2005. p. 21-45.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JR., João Luiz. *Evangelho de Marcos: refazer a casa*. v. 1, Mc. 1-8. Comentário Bíblico NT. Petrópolis: Vozes, 2002.

SWETE, Henry Barclay. *The Gospel According to St. Mark*. London: Mcamillan, 1905.

TAYLOR, Vicent. *The Gospel according to St. Mark*. 2.ed. New York and London: St. Martin's Press and Macmillan & Co., 1972.

TROELTSCH, Ernst. *Sobre o Método Histórico e Dogmático da Teologia*. Tradução provisória por Milton Schwantes. São Leopoldo: Faculdade de Teologia, 1984.

WALTERS JR., Carl. *Mark: a personal encounter*. Atlanta: John Knox Press, 1980.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. 6.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

WEISER, Alfons. *O que é milagre na Bíblia: para você entender os relatos dos Evangelhos*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1978.